

O ENSINO DE ARTE NUMA PERSPECTIVA ÉTNICA E ANTROPOLÓGICA.

Judivan José Lopes

LOPES, Judivan J.*

Resumo:

De aspecto lúdico reflexivo, as linhas e entre linha desse trabalho, salienta a importância de relacionamento entre o mediador do Ensino de Arte, o aprendiz de arte e o objeto de mediação estética e artística, levando em consideração a trama simbólica e cultural dos sujeitos de ensino e aprendizagem artística e estética. Enfatizando a necessidade de tecer um lastro de conhecimentos significativos para o público protagonista do estudo, baseado em seu repertório imagético, e de imagens de senso comum dessa mesma comunidade, para dar sustentação a informações culturais representativas da sociedade maior, possibilitando consciência artística estética, crítica e criativa proporcionando a construção de novos conhecimentos e objetos simbólicos originais.

Palavras Chaves:

Ensino de Arte - Arte-educação - Educação Artística e Estética - Educação Artística Étnica e Antropológica.

* Artista Plástico, Professor de Arte em escola Pública do Estado de São Paulo e Estudante do Curso de Pós-Graduação, Nível de Mestrado em Artes Visuais- Ensino e Aprendizagem de Arte, no Instituto de Artes/Unesp.

O ENSINO DE ARTE NUMA PERSPECTIVA ÉTNICA E ANTROPOLÓGICA.

Não fomos educados para olhar pensado o mundo, a realidades, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nós paralisia, fatalismo, cegueiras.

Para romper esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante.

Madalena Freire Weffort

Prelúdio do Mediador: Contato Sensível no Primeiro Encontro.

Diante de um público, 30, 40 ou até mesmo 50 alunos por sala de aula, pois essa é a realidade interna aos muros das Escolas Estaduais de São Paulo para o Ensino Fundamental e Médio, abro as cortinas de minha sensibilidade e com minha história de vida aproximome dele, olho-os como meus desejos ensinantes, esperados e inesperados e vejo com esse filtro sensível seus mundos, que a primeira vista e ao olhar comum não eram imaginados.

Olho os protagonistas do processo ensinar e aprender, personagens distintos e singulares, que agora nos encontramos juntos. Eu e Eles, oriundos de diversos lugares, que se agruparam agora para viver uma realidade de estranhezas, do ensino e aprendizagem de arte.

E dentro deste mundo, o escolar, que pretende ser um ambiente de troca, docentes e discentes, e os outros profissionais da educação, alimentam o desejo comum, conhecer e

construir conhecimentos considerando o legado de informações da cultura simbólica humana.

Projeto sobre eles meu olhar desejoso, descobrindo as pessoas que se encontram agora comigo, nesta pequena cidade "rural", algumas delas, parecem ter raízes aos pés, nasceram e cresceram na terra, são frutos nela plantados e nela colhidos, outros deles vieram para viver refugiados das periferias dos grandes centros urbanos, outros ainda de mais longe chegaram, das bandas do Norte ou Nordeste, ou mesmo do Centro-Sul, como também do Centro-Oeste; em fim, de vários Estados brasileiros. Estão eles agora diante daquele que acreditam *professar* o saber. Olham-me, questionam com o olhar, desdenham, balbuciam, inquietam, anseiam, esperam, satisfazem, desgostam, reclamam, vivem, aceitam, participam, se omitem, reagem, sugerem, não sabem exatamente o que querem, mas sabem que querem algo. Algo maior do que eles, talvez, apenas um encontro consigo mesmos.

O *Professor*, aquele que acreditam que professará, olha-os Tentando um diagnóstico preciso e nesse exame de olhar e sentir, percebo que não é possível vê de cara (imediatamente) o coração, penso na máxima de Hamleto: *o coração tem razões que a própria razão desconhece*. E é assim que começo a lida.

A avaliação inicial instrumento de apoio ao desenvolvimento do trabalho docente/discente: ansiedade e expectativas.

Começo a lida como se fosse ela toda vida. Olho as vidas que encontro agora comigo e conto histórias, cada história contada são partes de várias vidas. Começo a lida devida

desvendando segredos, observando imagens guardadas, no pensamento ou coração, na imaginação. Na dinâmica de olhar, os olhares inquietam-se, refugiam-se inventando personagens, que recriam, reinventando suas próprias histórias. Mas é preciso saber mais sobre eles, seus nomes e as trajetórias de suas histórias. Quem sabe?! Se souber mais sobre eles, quais e quantos são os seus anseios, mesclando-os aos contos e palpites, sondando os cantos reconditos desses seres que agora se predispõem a mudar. Quem sabe, pode ser que nessa troca de de olhar e comunicação *inicial*, surjam entre as linhas e as cores desse encontro, os contornos de imagens originais, das imagens que os representem verdadeiramente.

Na avaliação inicial as descobertas do potencial aprendiz.

Nessa busca constante, inquietante, querendo sempre saber como os aprendizes lidam com suas linguagens, descubro-os e redescubro-me entre seus mitos e tabus, vejo os espaços e as margens que os circundam, as formas das figuras que surgem das cores dos limites imaginários. Encontro neles portas que se abrem por inocência, pela condição de aprendizes, ouvintes, espectadores e cúmplices, pelo desejo de se tornarem algo que não sabem ao certo o que serão. São todos crianças. Adolescentes e adultos ao mesmo tempo, prontos ou não para viverem alguma experiências em curtos espaços de tempo, permitidos pelo cronograma escolar.

Cá estamos nós convivendo alguns tempo por semana nas aulas de arte da escola pública, além dos momentos dedicados as aulas, nos cuprimentamos em outros espaços de convivência escolar, pátio, corredores, quadra, etc. também nas ruas e na praça da

"pequena" cidade dormitório, na periferia distante do centro metropolitano. São encontros que aproximam pessoas e ampliam relações de conhecimento e auto conhecimento, alimentam a autoestima, pela confiança e cumplicidade que controem num clima de descontração e espontaneidade.

Nesse processo de busca e encontro para saber quem são, o que sonham, o que pretendem, vasculho seus arquivos mentais e encontro, estranhos arquivos emocionais, sensíveis e traumáticos, arquivos singulares e inusitados e entre esses arquivos me encontro, me vejo e reconheço os ícones expostos, reconheço seus acessos, estradas, caminhos, trilhas, pontes, rios; sua geografia. (céu, sol, sonhos, nuvens, árvores, pastagens, casas, pessoas, bichos, personagens do povo e da televisão, das histórias em quadrinhos, dos heróis invencíveis, ... e de homem vencidos...). Mapeio a expressão de suas imagens. A cartografia plástica das linhas, cores, formas, traços, ..., saliências e reentrâncias e antes de lhes semear imagens novas, analiso-as, crio intimidades, faço elogios. Agradeço a presença, a confiança e a participação, anunciando a que vim, propondo como serão os encontros para edificar nossa relação com a arte.

O trabalho de *ensinar* a arte entre os aprendizes: entre a emoção dos encontros, as imagens iniciais e as possibilidades de mediar a criação.

Depois da *avaliação inicial*, da sementeira, vou para que cresçam e transformem-se, que façam surgir de suas expressões novas imagens, novos cantos e reconcavos, e que as entendam e que entendam outras visões que encontrarem em seus caminhos, por entre sonhos e desejos, entre sentir, emocionar e pensar. É nesse caminho de busca, de encontro e desencontro, de emoção e de racionalização que verão suas árvores estereotipadas tornando-se arbustos, flores, ..., e árvores que

constituem florestas, paisagens, bosques, pomares e jardins, canteiros de mudanças. Antes das mudanças, seus cenários pareciam solitários, sem lua, estrelas, pássaros, ou revoadas oriundas de outros invernos. Ainda assim, encontra-se o sol em companhia das nuvens, uma árvore ou duas presas a terra como nativos/cativos que são e uma casa...

O registro dessas imagens, encontradas em suas pinturas iniciais, são coloridos por força pura da sensibilidade, por apêlo da emoção, por instinto ou por um ímpeto que ligam os sentidos à realidade, quase não perspassa a razão cognitiva. São coloridos por falta de técnica, não misturam as cores, do jeito que saem dos potes vão ao papel, quando se misturam é por acidente, produto do acaso.

Entregam-se ao jogo, pela oportunidade de desvencilhar-se do mundo real, de sentir esparramar as tintas em espessas camadas sobre o suporte/papel (como se o tempo passasse por cima de sua pele e depilhasse seu corpo a frio), de vê-las desprender do pincel alundindo-a a sensação de liberdade contida no desejos arraigados nos níveis mais profundos de suas consciências. Desvencilham-se do mundo real, para exporem os sentimentos contidos, sejam em tintas ou massas, que modelam organicamente sua alma "primitiva", realidades abstratas e profundas.

As nuvens aparecem azuis, unindo-se ao amarelo ouro puro do sol (ou qualquer amarelo presente), sobre o espaço que ocupa todo o céu branco, encimando pastos verdes, a casa solitária em baixo da grande árvore. Serão arquétipos da insegurança? Necessidade de proteção? Desejo de equilíbrio? Ou busca de orientação?

Não importa-lhes a representação visual verossímil da realidade externa, expor de maneira simples estes ícones, da "moda" que aprenderão anteriormente. Mesmo não fazendo uso da percepção visual para aproximar sua imagem à realidade circundante ou buscar uma expressão pessoal apurada, ainda assim, há a exigencia de dedicação, desgaste, físico e emocional, e

despredimento de tempo, por estas contingências, alguns preferem acomodar o espírito expressivo, talvez tenha sido a única saída e alternativa de sobrevivência ao seu alcance.

A não criticidade e enexpressividade, não predomina toda a ação pictórica inicial... há as excessões, poetas e músicos de paletas naturais, espontâneos (Naif ?), que ajudam a embelezar e enriquecer a expressão do grupo, entoando narrativas pessoais, sociais, culturais, locais, regionais e imaginárias. São "artistas" que esperam algo a mais do professor presente. E essa diversidade de interesses vão contribuir para o ritmo e a qualidade das aulas/encontros sensíveis.

O educador de arte acomoda em si o desejo de invadir o espaço interior da visão retínica dos aprendizes, de passear além delas e de proporcionar-lhes um encontro nos caminhos dos viajantes das cores, dos traços e das formas, e nesses rastros de pegadas metafóricas de seus registros pictóricos e escultóricos, junto aos alunos convidando-os a (re)ler e adentrar a aventura fugaz do imaginário, aventura perene. E em instantes anacrônicos, desenvolver rascunhos a lápis grafite, canetas esferográficas, em preto, azuis, vermelhos ou mesmo em policromias, a desmitificar os segredos contidos na falta de nuances de verdes das paisagens, perceber que podemos pela pintura desfrutar dos odores e que dissipam do clima bucólico da mata nativa, da solidão e encantamentos vividos pelos viventes nos sertões, descansar nas paragens pitorescas apreciando a imensidão da vegetação da alma e nos perder-mos por entre as trilhas acampando nos limites de uma cor e outra, entre um traço e outro, escorregando por entre os galhos emaranhados das linhas retas e contorcidas, vertiginar-mos na luz que reflete das formas encontradas nos vão organizados dos Poetas-Pintores, e seremos deles aprendizes.

De se encantar e passear pelas curvas e retas das figuras simbólicas, expressas e representadas pelas inúmeras poéticas criativas ao longo da história, classificadas por retratos e cenas, aprofundando o conhecimento a partir da iconografia o encontro e a construção de significados iconológicos.

Podemos juntos ou não, deliciar-mos das inquietações dos movimentos harmônicos e contrastantes, viver e sentir o que aconteceu e acontece com toda essa gente que está cativas nos livros e nas histórias de seus caminhos, se embriagar nos sonhos de ser artistas-poetas, desbravando florestas em cada desenho/pintura, semeando cores da paleta, fazendo brotar flores coloridas, plantando e protegendo em seus quadros, árvores, animais e aves quase extintas, resgatando os mitos, as lendas como um curumim que anda, canta, pinta seu corpo e dança no meio da selva sem medo, sem traumas, sem a preocupação de ser grande ou pequeno, com arco-tela, flexa-pincel pintando a vida, caçando o traço, a forma, pescando a criação artística abstrata e figurada, movidos pela emoção, pelo desejo, pelo prazer de expressar espontaneamente, sejamos guiados pelos poetas das cores. Construindo mundos imaginário equilibrando realidades com a fatasia de outras realidades.

As questões do professor/artista e esquisador: o ato de pesquisar e ensinar é um só.

Diante dessa diversidade de público, que configuram uma multiplicidade cultural e da produção artística desenvolvida durante os diversos momentos históricos em seus diferentes lugares do mundo, acumulando ícones conhecidos e desconhecidos do mediador e seres que serão mediados, "iniciados" no processo de ensinar e aprender arte, algumas questões deslocam-se e se destacam nessa relação das práticas pedagógicas em busca de respostas que ajudem no desenvolvimento de práticas pedagógicas e metodológicas viáveis e produtivas, promovendo um ambiente de ensino e aprendizado de forma respeitosa da cultura de cada um e da democratização desse saber acumulado pelo ser humano.

Como pode ser possível desencadear um processo de criação de imagens significantes com num grupo de diversidade cultural tão ampla e com desejos distintos? E o que pode configurar uma imagem significativa na sala de aula, como podemos encontra-la e adota-la? Como fazer que aprendam com elas, obras de artistas consagrados ou não, os valores nelas expressos? Como fazer para que façam desse desvendar um caminho de crescimento, conhecimento e de criação? Como o olhar uma obra de arte pode tornar-se uma porta que amplia e melhora uma história, para a construção ou reconstrução e ou restauração da própria identidade?

Mediação baseada no desenvolvimento de sensibilidade

Se a educação não for um processo de se olhar e de olhar o outro para nele poder se encontrar, para (re)avaliar a vida e assim construir um "novo" caminho para dignificar-se no mundo, entre os iguais e diferentes que seguem nas mesmas trilhas ou em outras trilhas que se cruzam e se bifurcam convergente ou divergentemente, ou mesmo, os caminhos paralelos que parecem os nossos, se assim não for, pode ser que não haja mais nada para ensinar e para aprender. Do contrário isso demanda uma ação de aceitação de prontidão para a análise e interpretação, apreciação reflexiva, crítica e criadora.

O olhar com sensibilidade pode ser parte do caminho desejado. Minha mestra Mirian, fala dessa relação do aprendizado com olhar dizendo que quando se observa, com sensível olhar pensante promovido pelo mediador (Martins 1996. p.21), ...*E assim como o ar do mundo enche os pulmões e provoca o choro e a entrada num ritmo de vida, as cores, as formas, as texturas, o espaço do mundo enchem os olhos de um jeito novo de*

***olhar o já visto."* Construimos significados transformando significativamente o que vemos e nos transformamos, é claro que essa relação do olhar não solitária, mas é parte do fenômeno perceptual, que se complementa com o ouvido pensante, conceito por (Shafer,1991. p.15), capaz de ouvir mais cuidadosamente e criticamente a paisagem do mundo, e também com todos os outros sentindo e emoções sensíveis e pensantes, um corpo que senti, pensa e fala diz o pensador/bailarino e coreógrafo, Ivaldo Bertazzo, em o *Cidadão Corpo* (1998).**

É com esse sentimento, sentimento que pensa, que busco respostas a inquietação para uma ação artística educadora, criativa e reflexiva na escola. Merleau-Ponty (1999.p.84) quando se refere ao campo fenomenal diz que: *O sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida.*

Observando reflexivamente os caminhos que levam ao processo criador, não podemos deixar de relatar que a percepção é um instrumento pelo qual se filtra a realidade e a sua apreensão está intimamente ligada a história de vida de cada sujeito, temos inúmeros exemplos históricos, de vidas artísticas interligadas a processos e a resultados criador ao logo da história da arte, exemplo que independente da abordagem e método estudado, o ato criador e a criação estão intimamente ligados à vida do sujeito, a modo como ele se relaciona com o mundo e como o mundo o influi.

E é baseado nessas histórias de vida e de envolvimento com a arte que sinto ser um provável caminho de entrelaçamento de arte e vida, "contatos imediatos" e contínuos com objetos artísticos e estéticos, artísticos que fundamentam práticas de artistas e profissionais do Ensino de Arte.

Acredito que da mesma forma que os artistas e arte-educadores e que relaciono e cito neste texto, que tem a arte como elemento de forte presença na sua vida e formação

cultural, o resgate dessa presença simbólica e significativa de objetos artísticos e estético pertencente as pessoas e a comunidade em estudo possa ser um outro ingrediente para uma educação artística e estética significativa.

Uma Perspectiva Autobiográfica, Étnica/Antropológica

Começarei falando dessas experiências artísticas que fundamentam práticas, citando Rachel Mason (2001. p.117-43), numa introdução autobiográfica, a uma ação Arte-educadora multicultural. *"A introdução a este livro é claramente pessoal e autobiográfica. É uma reflexão sobre as imagens visuais em minha casa que tem particular significado para minha consciência de ser arte educadora."* Apresentando em seguida, uma coleção de imagens composta de desenhos infantis e adolescentes, pinturas em telas, pôsteres, cartazes, objeto artesanais de aprendizes e profissionais, fotografias étnicas e folclóricas, esculturas sacras e profanas, objetos estéticos colecionados durante sua vida, símbolos de sua formação, do seu repertório imagético, questionador, que servem ao propósito, de instrumentos e fundamentos de sua mediação.

De forma semelhante José Rufino, artista plástico e professor de paleontologia paraibano, em palestra no Instituto de Arte da Unesp em abril deste ano (2002), fala da matéria/suporte, do conteúdo e da forma do seu trabalho exposto na 25^a Bienal de São Paulo: *Iconografias Metropolitana*, o artista justifica suas monotipias como produtos, reflexos, regate de seu antepassado, são transformações de suas heranças, deixadas pela família, elaborados sobre os documentos originais, interferindo nas cartas deixadas pelo avô, num transito lúdico estético, beirando a cientificidade dos exames fósseis.

Com estas mesmas referencias, durante o processo de minha graduação ouvi dezenas de depoimentos, presenciei atos criativo de vários amigos e amigas, incluindo-me; escorriamos falas e atitudes criadoras na prática dos trabalhos artísticos/expressivos, no sentido de resgate do passado pessoal e familiar, para a conscientização de nossas histórias de vida cultural simbólica. Teço a seguir como testemunho um texto desenvolvido nas aulas da professora Mirian Celeste Dias Martins, no ano de 1999, no Instituto de Arte da Unesp.

Repressão e força de expressão

(meus primeiros contatos com a arte)

A nudez das figuras representativas de Adão e Eva (Durer do século XVI), mítico do proibido, dos conceitos morais de meu pai e das aventuras amorosa de minha mãe, caricaturas de pessoas com cabeças de animais (Bosch, século XV-XVI) e as cenas da servidão feudal (Brueghel, século XV). Estas imagens Medievais, Renascentistas e “Surrealistas”, simbólicas, apresentadas pelas reproduções em livros, por um amigo, deixou-me um estigma forte dos desejos, dos prazeres, da liberdade e da aventura, e todas foram guardadas na minha memória.

Na sala de estar da casa paterna, as visitas eram recebidas por uma decoração eclética e sincrética, os quadros da Santa Ceia, uma replica em alto relevo do painel de Leonardo da Vinci, crucifixos, do tipo barroco, sofrido e repleto de chagas, quadros com figuras negras emplumadas, e mascaras, representando rituais religiosos, tanto católico quanto “primitivo”, estas imagens gravaram a idéia da diversidade cultural e do sincretismo religiosa, dicotomia de crença e fé na alma da minha primeira infância.

Os heróis das Histórias em quadrinhos e da televisão, junto as cenas do ritual do Candomblé, Umbanda e dos altares da Igreja Católica, esculturas dos santos e ídolos são as imagens dos poderes representados,

deixou em mim impressões místicas de dependência (repressão) e autonomia, outra ambigüidade que se junta a magia da vida em minha pré-adolescência.

A fundição da ETFAL (escola técnica, do meu segundo grau), os monumentos públicos da cidade, entre eles o Marechal Deodoro da Fonseca montado em seu cavalo imenso de bronze, na praça central de Cidade, a Sereia de 10 ou 12 metros de altura, da praia do mirante, as replicas das esculturas de Rodin, (O Beijo, O Pensador, Baltazar e A Catedral) na biblioteca Estadual, as fotografias do David, Moises e Piéta de Michelangelo, evocam-me a sensação de desafio e monumentalidade tridimensional. Adolescência confusa e turbulenta, entre obedecer ao desejo de meu pai na busca de uma profissão sólida e ao meu próprio, querendo o caminho desconhecido da arte. Isto marca a minha adolescência e o resto de minha vida, rompendo com quem se opõem e tenta negar-me a expressão artística.

Expressar a busca do elo que ficou, pelas linhas da arquitetura dos trapiches e casarões do Jaraguá, pelas formas retorcidas e pesadas, presentes nas igrejas barrocas, as cores das flores ofertadas a Iemanjá, Oxum e Iansã, os azuis e verdes das paisagens praieiras, das texturas das paredes envelhecidas dos casarões antigos da Barroca Penedo, das paredes das casas de pau-a-pique sem rebocos, da terra seca ou molhada, das enseadas oceânica e lagunar, dos manguezais da Massagueira, o cheiro da brisa do mar e seus frutos que não me sai das narinas, o movimento das ondas... e das velas branca que ondulam espalmadas, contrastando com o céu azul límpido sobre o mar da Pajuçara, as pessoas que curtem o lazer, estendidas nas cangas coloridas, tons de terra e cores do povo que enfeitam, festejam e dançam o ritual das festas folclóricas populares (taeira, côco de roda, pastoril, chegada, reisado, etc.); busco incessantemente e não sacio a sede em representar tudo que sei, quando percebo que não consigo, recrio, teço a

rede de pesca da imaginação e faço valer tudo que a lembrança não me nega. (Lopes, 1999. inédito)

O exame dessa fala fez repensar a minha postura com artista e como arte-educador indo na direção de estudos étnicos antropológicos, considerando as imagens de senso comum da comunidade como pivô de sustentação para o processo de mediação Artística e ampliação de conhecimento, Lopes (2000 e 2001). De muitos outros amigos tanto do curso de Educação Artística, quanto do Bacharelado em Artes Plásticas, presenciei e ouvi as histórias de resgate de elementos culturais simbólicos e expressivo da formação infanto juvenil, como objeto de estudo e pesquisa. Da Renata Felinto, mulher negra - Bacharel em artes plásticas e colega no curso de mestrado, tenho uma citação que apresenta seus trabalhos em folder de exposição que fizemos juntos em 2000, dando ênfase algumas questões étnicas, resgates da memória afro-descendente, a partir do resgate de sua história, da vida pessoal, e familiar .

Estes trabalhos estão intimamente ligados a minha existência e como sinto a vida enquanto afro-descendente negra. ...

(...) Remonto, através de imagens de meus familiares e de outras famílias negras, esta, dura trajetória, que tendo em vista os diversos obstáculos e limitações impostas a nós, tenho como viva verdadeira batalha constante, onde conquistamos algumas vitórias.(Acervo do viver e da memória afro-brasileira, 2000)

Do amigo "Bile", Maurício Zampaulo, ainda concluindo a graduação de licenciatura em arte, presenciei suas angústias em esclarecer e divulgar ícones da arte de suas histórias pessoais, de sua infância e juventude em Piracicaba - SP, *Os bonecos do Elias*, ou *O Elias dos bonecos*.

Exemplos como estes me levam a crer que no processo de mediação precisam ser levados em consideração os elementos culturais significativos e os limites do sujeito que está sendo mediado, e toda a sua carga cultural simbólica, servirá de base para a elaboração de produtos "novos", bastante semelhante ao conceito de relação proximal da zona de desenvolvimento elaborado por Vigotski (1989), em relação a construção de conhecimento e processo de aprendizagem.

Nessa relação do Ensino de arte na escola muitas vezes nos deparamos com aplicação de modelos e métodos de ensino que deixam a relação do conhecimento de arte na superficialidade quando não na ineficiência ou mesmo no prejuízo do desenvolvimento criador dos alunos. Outras vezes como métodos importados, adotado e aplicados em diferentes contextos, desconsiderando os níveis cognitivo e sensitivo dos alunos, percebe-se a carência de tecer-se uma trama de sustentação para tal prática pedagógica.

A preparação dessa rede de sustentação talvez seja o elemento mais importante nessa relação de ensino e aprendizagem de arte. Proponho a elaboração de um trama que constitua um tecido forte, com fios mesclados de cultura do mediador, de objetos artísticos e estéticos significante resgatado da cultura do sujeito mediado e de seus agentes construtores de objetos simbólicos. Só assim creio que nesse mundo de cultura pós-moderna, poderemos ter um lastro de sustentação para o reconhecimento da arte em seus diversos níveis de elaboração de significado. Esse lastro que parte das relações culturais já estabelecidas entre o sujeito e o objeto mediado, poderá fortalecer conhecimentos existentes e provocar aberturas de portais para o conhecimento do desconhecido e provavelmente o encontro de um canal de passagem para a construção do novo.

O respeito na prática pedagógica, considera as diferenças culturais, valoriza o repertório cultural imagético da comunidade em estudo, traz para perto as possibilidades da

conscientização e de valorização da produção cultural artística da localidade de origem e de suas vivencia, pode despertar para a necessidade de conhecer a cultura representativa da humanidade e lançar-se na direção da produção de objetos originais, de cunho pessoal e coletivo numa perspectiva de melhoramento da cultura social.

Bibliografia:

Acervo do Viver e da Memória Afro-brasileira. *O papel do Negro na Arte*. São Paulo: catálogo de exposição, 2000.

Além da Beleza: roteiro de apreciação. São Paulo: MAE/USP, 1996.

BERTAZZO, Ivaldo. *Cidadão Corpo: Identidade e Autonomia do Movimento*. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

BIASOLI, Carmen Lúcia A. *A Formação do Professor de Arte: do ensaio... à encenação*. São Paulo: Papirus, 1999.

FISCHER, Ernest. *A Necessidade da arte*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREIRE, Madalena, DAVINI, Juliana, CAMARGO, Fátima e MARTINS, Mirian C. D. *Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

____ *Avaliação e Planejamento: a prática educativa em questão -Instrumentos metodológicos II*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997.

GIBSON, James J. *La percepción del mundo visual*. Buenos Aires: Infinito, 1974.

LOPES, Judivan J. *Mediação Sensível Desvendando o Universo de Obras de Arte: o olhar perceptivo desvelando contextos..* São Paulo: (inédito), 2001. (trabalho de pesquisa desenvolvido com financiamento da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP)

_____. *Reflexões sobre o comportamento do aluno a partir do olhar sobre a realidade estética. In: Resumo (ANAIS), O século XXI: os dilemas para a psicologia social. ANAIS do VIII Encontro Regional de Psicologia Social–Unimep/ABRAPSO, Piracicaba, 2000 : 172-173. (texto completo inédito)*

_____. *Repressão e Força de Expressão: meus primeiros contatos com a arte.*(texto Inédito)

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. *Mediação: Tecendo encontros sensíveis com arte.* São Paulo: ARTEunesp n^o 13, 1997.

MASON, Rachel. *Por uma Arte-Educação Multicultural.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção.* Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes 1999.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais.* São Paulo: Perspectivas / Secretaria da cultura, Ciências e Tecnologia de São Paulo, 1976.

SCHAFFER, Murray. *Ouvido Pensante.* São Paulo: Unesp, 1991.

RIBEIRO, Claudete. *Psicologia e percepção: um olhar para a arte.* São Paulo: ARTEunesp, 12: 43-54., 1996.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich, LURIA, Alexander Romanovich e LEONTIEV, Alex N. A *Linguagem, Desenvolvimento, e Aprendizagem.* São Paulo: Edusp, 1988.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos posteriores.* São Paulo: Martins Fontes, 1989.